



## ENCONTRO #22

# A RESSURREIÇÃO DE JESUS

## 1. INTRODUÇÃO

Sobre o tema central do Cristianismo – A Ressurreição de Jesus – partilho excertos da monografia “Jesus- uma biografia” da autoria de Armand Puig (Paulus, 2006).

## 2. A RESSURREIÇÃO

O perfil biográfico de uma personagem costuma terminar com a sua morte, o ponto final da vida. Depois vêm as sínteses finais e os epílogos. No caso de Jesus de Nazaré, antes do epílogo temos de falar de um acontecimento insólito que desperta todo o tipo de reacções, desde ceticismo até à adesão, desde a curiosidade até à convicção, desde a dúvida até à fé. Este acontecimento é a sua ressurreição. De Jesus diz-se que a sua passagem da vida para a morte, consequência da crucifixão, foi imediatamente seguida por outra passagem, uma passagem inversa, imprevista e imprevisível: a passagem da morte para a vida, para uma vida nova e totalmente diferente, que abarca presente e futuro, a Terra e o Céu, Deus e a Humanidade, o mundo presente e o mundo que está para vir. Por isso, o Cristianismo entende Jesus como «Aquele que está vivo», não apenas como «Aquele que viveu»: com Ele, o mundo futuro já começou. A fé cristã fixa o seu primeiro olhar sobre um Jesus que passou o umbral da morte e coloca em primeiro lugar esta afirmação: «Deus

ressuscitou-O de entre os mortos». Desde o primeiro momento fica claro que não existe Cristianismo sem a ressurreição de Jesus. Assim, pareceria que a ressurreição é uma mera questão de fé e que, portanto, não teria lugar num livro como este, que não pressupõe, necessariamente, nenhuma convicção religiosa em quem o lê. [...]

Por conseguinte, torna-se necessário apresentar estes materiais históricos e avaliar aquilo que dizem e aquilo que pretendem dizer. Por outras palavras, há que medir o impacto histórico de um facto que, como tal, não pode ser comprovado, mas que constitui a afirmação mais singular sobre a personagem que nos ocupa. O que existe no início da tradição cristã mais primitiva que afirme que Jesus ressuscitou? O que significa que algumas pessoas O tenham "visto" em vida depois da morte? O que significa "ressuscitar"? [...]

As informações sobre Jesus ressuscitado não são completas nem coerentes; mais parecem uma espécie de clarões de luz que permitem momentaneamente que o invisível se torne visível, e isto é um indício de autenticidade. Efectivamente, uma história inventada, pelo simples facto de o ser, deveria evitar as fissuras e procurar a máxima coerência para se tornar credível. No nosso caso, os relatos ou as referências à ressurreição confluem nos elementos essenciais, mas estão longe de serem um conjunto forte; pelo contrário, apresentam uma diversidade surpreendente e atractiva. Cabe concluir que a tradição cristã, sempre viva, se alimentou de memórias, pessoais e colectivas, de grande densidade, e configurou-as mantendo — e não escondendo — as suas arestas e os seus contrastes.

### **3. O CORPO DE JESUS NÃO ESTÁ NO SEPULCRO**

A primeira coisa que provoca espanto e incredulidade é o facto de o corpo de Jesus ter desaparecido do sepulcro. A descoberta de que o sepulcro está vazio e de que não está lá o cadáver de Jesus

acontece no Domingo, o primeiro dia da semana segundo o cálculo judaico — e cristão —, logo pela manhã. Passaram três dias desde a morte de Jesus (contando com a sexta-feira). Os textos que referem à descoberta do sepulcro vazio encontram-se nos evangelhos canónicos de MARCOS (16,1-8), MATEUS (28,1-8), LUCAS (24,1-12) e João (20,1-10), e também no EVANGELHO DE PEDRO (50-54.55-57).

No entanto, um sepulcro vazio, por si só, não prova nada. Podem ter acontecido muitas coisas: que alguém tenha roubado o cadáver que ali estava enterrado, que alguém o tenha mudado para outro sepulcro ou que a pessoa não tenha realmente falecido, mas que tenha saído sozinha do lugar onde a tinham colocado. Estas três possibilidades foram defendidas por diversos autores racionalistas da segunda metade do século XVIII (sobretudo, H. S. Reimarus e H. E. G. Paulus). Não obstante, já afloram no século I por parte daqueles que negam a ressurreição de Jesus.

Neste sentido, o Evangelho de Mateus atribui às autoridades judaicas a hipótese do roubo do corpo por parte dos discípulos - que assim teriam pretendido fazer crer que tinha realmente ressuscitado. Os sumos-sacerdotes teriam espalhado «esta mentira [...] entre os judeus, até ao dia de hoje» (MATEUS 28,15). No entanto, tratar-se-ia de uma história tergiversada. Sempre segundo este evangelho, Pilatos teria colocado uma guarda de soldados romanos no sepulcro, a pedido das autoridades judaicas, para evitar que os discípulos roubassem o corpo de Jesus. Mas um anjo poderoso teria descido do Céu e teria feito rodar a pedra, provocando o terror entre os soldados («tremeram de medo diante do anjo e ficaram como mortos», MATEUS 28,4). Recuperados do espanto, os soldados teriam entrado em Jerusalém para comunicar o sucedido às autoridades judaicas, que os teriam subornado para que espalhassem a notícia de que os discípulos de Jesus tinham ido de noite roubar o corpo «enquanto vós dormíeis» (MATEUS 28,13).

Quanto à hipótese de um roubo do corpo e da sua eventual trasladação - o que teria feito acreditar que ressuscitara - já ecoa por detrás das palavras que o Evangelho de João coloca na boca de Maria Madalena na manhã do dia de Páscoa. Quando a discípula se apercebe de que a pedra que fechava a entrada do sepulcro foi removida, diz a Pedro e ao discípulo que Jesus amava: «Tiraram do túmulo o Senhor [Jesus] e não sabemos onde O colocaram» (João 20,2). A mulher repete posteriormente algumas palavras idênticas, dirigidas desta vez aos dois anjos que estão no sepulcro: «Levaram o meu Senhor e não sei onde O colocaram» (João 20,13). Pela terceira vez, Maria Madalena insiste no mesmo assunto, agora diante do próprio Jesus (!), que ela confundiu com o jardineiro: «Se foste tu que O levaste, diz-me onde O puseste para eu ir buscá-l'O» (João 20,15). Relativamente à terceira hipótese – Jesus não teria morrido realmente – é demasiado fantasiosa para merecer uma consideração: todas as fontes históricas sobre Jesus cristãs e não cristãs asseveraram que a crucifixão de Jesus culminou, tal como estava previsto na sentença pronunciada por Pilatos, com a sua morte na cruz.

Um sepulcro é, tal como afirma Eurípides (ALCESTIS 363-367), a casa dos mortos, e não há motivos pelos quais ele se deva esvaziar. Assim sendo, se aparece vazio, nada fica provado, mas, como se diz em francês, *ceci donne à penser* (Isto faz-nos pensar). E mais ainda se as circunstâncias da sua descoberta são aquelas que existiram no caso de Jesus. A descoberta do sepulcro vazio e o primeiro testemunho foram feitos por algumas mulheres. Este dado choca com os costumes judeus, segundo os quais o testemunho de uma mulher não possui qualquer valor. Assim, surpreende que as fontes sobre o sepulcro vazio situem Maria Madalena num lugar tão destacado, encabeçando o grupo de mulheres que vão ao sepulcro. Maria corre a comunicar a notícia aos discípulos em nome das outras mulheres: «Tiraram do túmulo o Senhor [Jesus] e não sabemos [plural!] onde O colocaram» (João 20,2) são as palavras que Maria dirige a Pedro e a João. Evidentemente, também as restantes mulheres se

apressaram a informar os restantes discípulos masculinos (ver MATEUS 28,8; LUCAS 24,9-11.22-23). Apesar de tudo, a discípula que seguiu Jesus com mais intensidade conserva um lugar de honra.

A Maria de Magdala há que acrescentar outra Maria, a mãe de Tiago - um dos Doze - e de José e mulher de Alfeu, que a acompanhou na descoberta do sepulcro vazio. O Evangelho de Marcos menciona também Salomé, provável mulher de Zebedeu e mãe de Tiago e de João mais dois dos Doze. Por seu lado, o Evangelho de Lucas coloca no grupo Joana, a mulher de Cuza, administrador de Herodes Antipas, uma pessoa de elevada posição social. Este grupo de (três?) mulheres ia ao sepulcro com frascos cheios de óleos aromáticos porque se dispunham a lavar e a ungir o cadáver de Jesus. As pressas do enterro e, sobretudo, o facto de Jesus ter morrido como um maldito, numa cruz, tinham-nas impedido de agir: nem sequer tinham podido chorar a sua morte, guardando luto por Ele, tal como era costume.

José de Arimateia - levando o lençol para amortilhar o corpo e cedendo o seu sepulcro para sepultar Jesus - e Nicodemos - envolvendo e colocando por cima e por baixo do lençol que envolvia o corpo de Jesus uma mistura sólida de mirra e aloé como substituto de uma unção pausada que não pudera ser feita - tinham dignificado um enterro realizado em circunstâncias certamente dramáticas. Mas estes dois simpatizantes de Jesus, pessoas influentes e talvez por isso discípulos ocultos, tinham terminado o seu trabalho. Agora, a unção do corpo com óleos aromáticos, que algumas mulheres pensam fazer quando clarear o dia de Domingo e quando houver luz suficiente dentro do sepulcro, é uma iniciativa pessoal e corajosa destas discípulas, da qual todos os discípulos masculinos ficam à margem. As mulheres passam por cima da consideração "religiosa" da morte de Jesus como a morte de um maldito e, ao mesmo tempo, ignoram o medo de represálias no caso de serem descobertas dentro da câmara sepulcral. Move-as apenas o vínculo profundo

de amizade que mantêm com Jesus, mesmo agora que já morreu. Com os óleos aromáticos, dirigem-se ao sepulcro preocupadas com uma única coisa, por outro lado lógica, dado o carácter espontâneo e solitário do seu acto: como irão fazer rodar a grande pedra que fecha a entrada do sepulcro? (ver MARCOS 16,3). A sua preocupação desaparecerá rapidamente. Ou, melhor dito, transformar-se-á em espanto, temor e surpresa.

Dizíamos que um sepulcro vazio não prova que ali tenha ocorrido um acontecimento que cause transtorno. No relato de João, dois discípulos, Pedro e o discípulo que Jesus amava, entram no sepulcro para ver se está lá o corpo de Jesus, e apenas encontram o lençol com o qual fora amortalhado e o sudário que Lhe tinham atado à cabeça. Os dois vêem o mesmo, mas apenas o discípulo amado interpreta correctamente aquilo que aconteceu. Jesus ressuscitou de entre os mortos. Em contrapartida, o Evangelho de Lucas afirma que Pedro «voltou para casa, admirado com o que havia acontecido» (LUCAS 24,12). Por outro lado, os relatos dos evangelhos sinópticos, a interpretação dos acontecimentos, são feitos por uma figura celestial («um jovem [...] vestido de branco» em Marcos, um «anjo do Senhor» em Mateus e «dois homens, com roupas brilhantes» em Lucas). São duas formas de chegar a um mesmo resultado que correspondem, respectivamente, ao Evangelho de João e aos evangelhos sinópticos: existe uma forma interior (a fé suscitada divinamente no coração do discípulo amado, que vê e acredita), e outra que é exterior (a mensagem transmitida por uma figura celestial, enviada e legitimada divinamente).

Em suma, o sepulcro vazio não fala por si só: precisa de uma interpretação, é necessário compreender o que significa. A ressurreição de Jesus não é uma evidência que se imponha, é uma certeza que se recebe. Por isso, a comprovação de que o corpo de Jesus não está no sepulcro não encerra as perguntas, mas abre-as ainda mais: onde está, agora, Aquele que tinha sido sepultado e que as mulheres

procuravam? O anjo intérprete indica um caminho: o próprio Jesus revelar-se-á aos discípulos e eles irão vê-lo.

## 4. JESUS APARECE AOS DISCÍPULOS

Poucos anos depois da descoberta do sepulcro vazio de Jesus, os primeiros cristãos elaboraram e transmitiram um enunciado a que se pode chamar com razão «o evangelho da ressurreição». Paulo reprodu-lo na PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS (15,3-5): «Cristo morreu pelos nossos pecados, conforme as Escrituras, foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, apareceu a Pedro e depois aos Doze». Neste breve enunciado, estão presentes as duas tradições que configuram a origem da Páscoa cristã: o sepulcro vazio («foi sepultado») e as manifestações ocasionais ou aparições de Jesus ressuscitado a alguns dos seus discípulos («apareceu»). Falamos da primeira tradição. Vejamos agora a segunda.

As fontes documentais que narram ou mencionam aparições de Jesus são os quatro evangelhos canónicos: MARCOS (16,7; 16,9-19), MATEUS (28,8-10; 28,16-20), LUCAS (24,13-35; 24,36-49) e João (20,11-18; 20,19-29; 21,1-23). Deveremos também incluir os ACTOS DOS APÓSTOLOS (1,3-8) e a já citada PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS (15,5-8), que se refere, além do mais, a uma aparição «fora de tempo», aquela que teve o apóstolo Paulo como destinatário. Todas as outras aparições, as que ocorreram «a tempo», aconteceram, segundo consta, nos primeiros dias, semanas ou meses posteriores ao Domingo de Páscoa, data da primeira aparição. E são essas que trataremos aqui.

A seguir apresentamos um esquema com as doze aparições de Jesus referidas no Novo Testamento (excepto, como já dissemos, a de Paulo):

<b>Destinatários</b>	<b>Tempo</b>	<b>Localização</b>	<b>Fontes</b>
1) Maria Madalena, a discípula	Domingo de Páscoa (manhã)	Jerusalém (perto do sepulcro)	João 20,11-18 (relato); Marcos 16,9-11 (menção)
2) Duas mulheres discípulas (Maria Madalena e Maria, mulher de Alfeu, mãe de Tiago e José)	Domingo de Páscoa (manhã)	Jerusalém (perto do sepulcro)	Mateus 28,8-10 (relato)
3) Pedro, o primeiro dos Doze	Domingo de Páscoa	Jerusalém (lugar indeterminado)	Lucas 24,34; 1Coríntios 15,5 (menções)
4) Dois discípulos (Cléofas e outro discípulo)	Domingo de Páscoa (tarde)	Entre Jerusalém e Emaús	Lucas 24,13-35 (relato); Marcos 16,12-13 (menção)
5) Os Onze (e outros discípulos) (menos Tomé)	Domingo de Páscoa (entardecer)	Jerusalém (casa)	João 20,19-23; Lucas 24,36-49 (relatos); 1Coríntios 15,5 (menção: os Doze)
6) Os Onze (e outros discípulos) (com Tomé)	Domingo depois da Páscoa	Jerusalém (casa)	João 20,26-29 (relato)
7) Os Onze	Durante quarenta dias (?) depois da Páscoa	Jerusalém (lugar indeterminado)	Actos dos Apóstolos 1,3 (menção)
	Quadragésimo dia depois da Páscoa	Jerusalém (Monte das Oliveiras)	Actos dos Apóstolos 1,4-11 Marcos 16,14-19 (relatos)

<b>Destinatários</b>	<b>Tempo</b>	<b>Localização</b>	<b>Fontes</b>
8) Os Onze (especialmente Pedro)		Galileia (montanha)	Marcos 16,7 (menção); Mateus 28,16-20 (relato)
9) Sete discípulos (dos Onze?): Pedro, Tomé, Natanael, Tiago, João e mais dois		Galileia (lago de Tiberíades)	João 21,1-23 (relato)
10) Quinhentos discípulos homens e mulheres?)		Jerusalém (lugar indeterminado)	1Corintios 15,6 (menção)
11) Tiago, o irmão de Jesus		Jerusalém (lugar indeterminado)	1Corintios 15,7 (menção)
12) Todos os apóstolos		Jerusalém (lugar indeterminado)	1Corintios 15,7 (menção)

Este esquema detalhado mostra a grande variedade de relatos, tanto no que diz respeito aos destinatários como no que se refere aos lugares nos quais Jesus se manifesta. Pareceria que cada fonte teve acesso a um segmento de tradição e que a transmitiu com a máxima fidelidade possível. Naturalmente, torna-se muito difícil traçar uma linha que relacione todos os dados e que permita reconstruir uma sucessão histórica dos acontecimentos.

As pessoas às quais Jesus aparece depois da ressurreição são, em primeiro lugar, mulheres. De facto, tal como vimos no capítulo anterior, são elas que descobrem o sepulcro vazio. Tal como salienta G. Theissen, as listas das mulheres ligadas à morte e ressurreição de Jesus são quase sempre encabeçadas por Maria Madalena (embora em João 19,25 a primeira mulher mencionada seja a Mãe de

Jesus); este lugar de honra poderia dever-se ao facto de Madalena ter sido a primeira pessoa qual Jesus apareceu ressuscitado, perto do próprio sepulcro. Ver (1). Em contrapartida, é compreensível que Pedro, o primeiro dos Doze - aquele que negara o Mestre durante a paixão! - seja o primeiro dos discípulos masculinos aos quais Jesus se quer revelar. Ver (3) e (8). Mais adiante, Pedro terá ocasião de emendar a sua tripla negação com uma tripla declaração de adesão incondicional a Jesus. Ver (9).

As aparições ocorridas em Jerusalém no dia de Páscoa e que têm como destinatários uma mulher e um homem, Maria Madalena e Pedro, complementam-se com mais dois episódios. Por um lado, Jesus aparece ao pequeno grupo de mulheres (Duas? Três? Mais de três?) que, ainda muito cedo, voltam muito felizes do sepulcro para anunciarem aos discípulos que Jesus ressuscitou. Ver (2). Por outro lado, já à tarde, Jesus coincide com dois discípulos masculinos, que abandonam Jerusalém e que se dirigem para a povoação de Emaús, tristes e decepcionados pela morte/fracasso do Mestre. Ver (4). Observe-se que Cléofas é, provavelmente, parente de Jesus seu tio e que entre as mulheres chegadas da Galileia a Jerusalém estão a sua Mãe e duas tias (uma tia paterna, a mulher de Cléofas e uma tia materna). A quinta aparição do dia de Páscoa, ao entardecer, acontece também em Jerusalém, diante dos Onze (sem Tomé) e, segundo Lucas, diante de outros discípulos. Os discípulos encontram-se reunidos numa casa, identificada tradicionalmente com o cenáculo ou sala onde Jesus celebrou a ceia de despedida. Os sentimentos dos discípulos oscilam entre o espanto (Lucas) e a alegria (João), mas Jesus saúda-os («A paz esteja convosco») e fala-lhes da sua missão (comunicar o evangelho) e do dom que será o seu amparo (o Espírito Santo). Ver (5).

Assim, os textos situam cinco das doze aparições no mesmo dia em que as mulheres descobriram o sepulcro vazio: o Domingo de Páscoa. As outras sete sucedem-se em lugares e momentos

diferentes e, muitas vezes, indeterminados. Duas aparições situam-se na própria Jerusalém, na casa em que os discípulos estão reunidos: a primeira, oito dias depois da Páscoa, e a outra, quarenta dias depois deste Domingo. Ambas têm os Onze como destinatários, e talvez outros discípulos. Na primeira, Jesus insiste em mostrar a Tomé, o discípulo incrédulo, as feridas provocadas pelos cravos e pela lança. Ver (6). Na segunda, Jesus come com os Onze e volta-lhes a confiar a missão de comunicar o evangelho por toda a Terra, prometendo-lhes o dom do Espírito Santo. Esta segunda aparição situa-se no fim do período de quarenta dias - caracterizado, segundo ACTOS DOS APÓSTOLOS 1,3, por contactos frequentes entre Jesus e os discípulos - que culminará com a ascensão de Jesus ao Céu. Ver (7).

Existem mais duas aparições, ocorridas numa data indeterminada, que se situam na Galileia, e não em Jerusalém como até ao momento. A primeira ocorre numa montanha e tem os Onze como destinatários. Os discípulos são enviados a pregar e a baptizar por toda a Terra, e Jesus garante-lhes que nunca os abandonará. Ver (8). As afinidades com (7) são evidentes. A segunda aparição situa-se próximo do lago da Galileia ou Tiberíades, e coincide com um acontecimento prodigioso, uma pesca milagrosa. Jesus aparece a sete discípulos, pertencentes ao grupo dos Onze, a avaliar pelos nomes referidos. Jesus come com os sete na praia e, depois, oferece a Pedro a ocasião de substituir a tripla negação por uma tripla afirmação de amor por Ele. Também se refere o destino do discípulo amado. Ver (9). Quanto a esta aparição, diz-se que «<foi la terceira vez que Jesus, ressuscitado dos mortos, apareceu aos discípulos» (João 21,14). As duas primeiras seriam (5) e (6).

Existem ainda três aparições, mas sem referências sobre o tempo e a localização. Apenas sabemos por intermédio do apóstolo Paulo, que nos informa acerca disso na Primeira carta aos Coríntios, que os destinatários foram uma pessoa (Tiago, o irmão de Jesus) e dois

grupos numerosos (os quinhentos e todos os apóstolos). Segundo Paulo, estas três manifestações pessoais de Jesus ressuscitado ocorreram de forma sucessiva, num tempo posterior às aparições com as quais Pedro e os Doze (os Onze) foram brindados. Os destinatários foram, em primeiro lugar, e segundo a ordem referida por Paulo, um grupo numeroso de quinhentas pessoas (provavelmente, homens e mulheres), todas elas cristãs, a maioria das quais ainda vivia em 55 d. C. - data em que se escreve a Primeira carta aos Coríntios - e que podiam dar o seu testemunho. Passaram cerca de vinte e cinco anos e só alguns morreram; isso significa que a média de idades destes discípulos, quando Jesus lhes apareceu, era baixa. Ver (10).

O outro grupo numeroso referido por Paulo é o de «todos os apóstolos», as pessoas que, nos primeiros tempos do Cristianismo, teriam sido enviadas em missão (a palavra apóstolo significa «enviado»), ou seja, os missionários designados para transmitir o evangelho. Ver (12). A única personagem concreta é Tiago, provavelmente o irmão mais velho de Jesus, que ocupara, em Nazaré, o lugar de chefe de família, aquando da morte de José, o seu pai legal. Mais tarde, Tiago será o líder da comunidade cristã de Jerusalém e uma figura muito influente no Cristianismo dos primeiros tempos (ver 4.3.4.1.). Certamente, o facto de Jesus lhe aparecer legitima-o como testemunha singular e iguala-o de certa forma, ao grupo escolhido dos Doze. Ver (11).

## **5. UMA HISTÓRIA PARA ALÉM DE SI PRÓPRIA**

No enunciado mais antigo sobre os quatro acontecimentos fundacionais do Cristianismo (morte, sepultura, ressurreição e aparições de Jesus), transmitido pelo apóstolo Paulo na PRIMEIRA CARTA AOS Coríntios (15,3-5), fala-se do cumprimento das Escrituras. A morte e a ressurreição «ao terceiro dia» são opções que Deus fez em relação a Jesus, seu Filho, e que Este acolheu. Por isso se pode

dizer que as Escrituras se cumprem. A morte é fruto da liberdade de Jesus, enquanto que a ressurreição se explica como acto livre de Deus: Jesus quis dar a vida, e Deus quis libertá-lo da morte. Produz-se um intercâmbio mútuo de dons, cuja beneficiária é a Humanidade, aberta agora à esperança.

"Ressuscitar" não significa voltar à vida anterior, como aconteceu com Lázaro, nem significa adoptar outra forma de vida das muitas possíveis. Ressuscitar significa entrar no plano de Deus de uma vez por todas, aceder à plenitude, chegar ao Céu. Jesus, depois de ressuscitado, inaugura a vida futura, o mundo definitivo. Temos a manifestação deste estado de bem-aventurança e paz no seu corpo glorioso. O final da História, o grande dia, está aqui. Os escritos judaicos da época, sobretudo os surgidos em tempos de perseguição, declaravam com firmeza que Deus ofereceria aos que tinham sofrido injustamente «uma ressurreição eterna de vida» (SEGUNDO LIVRO DOS MACABEUS 7,9): aqueles que morreram por Ele «despertarão para a vida» (TESTAMENTO DE JUDA 25,4).

Tudo isto fica antecipado com Jesus. Com a sua ressurreição, começa o mundo novo. Assim sendo, se o mundo futuro já começa agora é porque Jesus ressuscitado não é um espírito que sobe e desce do Céu, que percorre os espaços sem a servidão do corpo: o seu corpo não se desagregou nem se corrompeu, mas foi transformado, continua vivo para além da morte. Por isso, nos relatos das aparições, Jesus conversa, come, convida os discípulos a tocar na sua carne e nos seus ossos ou a verificar as feridas que a crucifixão deixou no seu corpo. Este corpo é a garantia da sua continuidade entre o antes e o depois da sua morte: o ressuscitado é o crucificado, não outro que tivesse morrido no seu lugar.

Por outro lado, o corpo de Jesus não é exactamente como era, uma vez que antes de morrer estava sujeito, como qualquer outra pessoa, à corrupção, e agora se transformou num corpo incorruptível,

que vence as leis da matéria. Nos relatos das aparições, Jesus faz-se presente no meio dos discípulos, embora as portas do lugar onde se encontram estejam fechadas. O que é surpreendente não é tanto o facto de Jesus poder "atravessar" paredes, mas sim o facto de se manifestar aos discípulos quando quer e onde quer. O apóstolo Paulo exprime o paradoxo de um corpo que é e não é o mesmo de antes dizendo que o corpo de Jesus ressuscitado é um «corpo espiritual»>, um corpo que deve distinguir-se de um corpo físico, apto exclusivamente para a Terra em que vivemos (PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS 15,44). O próprio Jesus afirma que depois da ressurreição, as pessoas já não estarão sujeitas aos desejos deste mundo, mas serão «como os anjos do Céu» (MARCOS 12,25). Em suma, o corpo de Jesus ressuscitado é um corpo transformado, e Ele foi primeiro a reconhecer a passagem da morte para a vida.

Não obstante, esta passagem permanece oculta aos olhos humanos e, portanto, resiste a qualquer verificação empírica. Apenas conhecemos os seus resultados, os seus efeitos. Os evangelhos canónicos não explicam nem pretendem explicar como ressuscitou Jesus, uma vez que estão conscientes de que a sua ressurreição se encontra na fronteira daquilo que é verificável.

Tudo acontece no Domingo, porque o Sábado é dia de repouso para os Judeus. «O terceiro dia», Domingo, é o primeiro dia possível para que surja a notícia: as cinco aparições ocorridas no Domingo de Páscoa mostram que Jesus escolheu este dia, o terceiro depois da sua morte, para dar a conhecer a sua ressurreição. Três dias é um tempo breve, mas ao mesmo tempo é o tempo necessário para certificar-se segundo os costumes judaicos que o defunto está mesmo morto. No entanto, aquele terceiro dia será diferente: em vez de ser a data que corrobora a morte de Jesus, transforma-se na data que indica a sua ressurreição. Não é de estranhar que, entre os primeiros cristãos, o Domingo ou primeiro dia da semana tenha sido o dia por excelência, o dia da intervenção de Deus. O Domingo "atraiu"

inclusivamente o sinal do pão e do vinho (a Eucaristia), realizado a uma quinta-feira, e a comemoração da morte de Jesus, que aconteceu na sexta-feira. O acontecimento da ressurreição centralizou, desde o primeiro momento, a vida da comunidade cristã.

A ressurreição de Jesus é um acontecimento que se situa na fronteira entre a realidade histórica, empírica, verificável, e a realidade meta-histórica, intuída como verosímil e, para aqueles que acreditam, afirmada como necessária. Falar de ressurreição leva-nos, como faz notar N. T. Wright, à franja extrema da linguagem histórica, filosófica e teológica. [...] Por outro lado, a ressurreição de Jesus é um acontecimento que supera as coordenadas de qualquer aproximação histórica, uma vez que entra no campo daquilo em que se pode ou não acreditar. A História, como já se viu, não fica silenciosa face à ressurreição de Jesus, mas não pode captar a sua verdadeira singularidade, tudo o que esta representa. Aqui, mais do que em nenhum outro segmento da vida de Jesus, encontramos no campo dos indícios esses, sim, racionais e razoáveis.

A janela que permite ter uma vista panorâmica daquilo que aconteceu é a janela da fé, uma vez que a fé, tal como a ressurreição, é histórica e meta-histórica, enraíza-se na História, mas vai mais além da própria História. Não é por acaso que falamos de janela, uma vez que os únicos olhos capazes de ultrapassar a escuridão do sepulcro são os olhos luminosos daqueles que, tal como as mulheres ou o discípulo amado, interpretam correctamente o sepulcro vazio e não duvidam perante a aparição imprevista e surpreendente do Ressuscitado. Em suma, os olhos das testemunhas viram com clareza e a sua palavra é digna de crédito. Mas eles também não "viram" a ressurreição. No entanto, viram algo mais importante: viram o próprio Ressuscitado, que se manifestava diante deles pessoalmente e os chamava pelo seu próprio nome.